

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Vida intelectual e sociabilidade urbana na Belém da belle époque da borracha (1890-1910)

Geraldo Mártires Coelho*

Resumo: último quartel do século XIX e as primeiras décadas do século XX, foram essenciais para a história da Amazônia contemporânea, integrada às engrenagens do capitalismo industrial e financeiro, e peça-chave na economia e na cultura internacionais pela cadeia produtiva do *látex*.

As dinâmicas da reprodução do capital foram os eixos da mundialização da cultura, nas formas e nas representações da chamada *belle époque*, formas proclamadas como civilizadas e próprias do sujeito social do progresso.

Teatro, literatura, associações musicais constituíam os indicativos da sociabilidade urbana, reproduzindo, em escala, na Belém de então, os cenários da *belle époque*. Mesmo considerando seus processos sintéticos, foi a configuração mimética da mundializada cultura capitalista e burguesa do *fin de siècle*.

Abstract: The last quarter of the nineteenth century and the first decades of the twentieth century were essential to the contemporary history of the Amazon, as the region became integrated into the mechanisms of industrial and finance capitalism, and became a key component of international economics and culture through the chain of latex production.

The dynamics of the reproduction of capital formed the axis for the globalization of culture, in the forms and in the representations of the so-called *belle époque*, forms widely proclaimed as civilized and appropriate for the social subjects of progress.

Theater, literature, and musical associations constituted the marks of urban sociability, reproducing on a local scale, in the Belém of that era, the settings typical of the *belle époque*. Even considering certain particularities, these sites can be regarded as the mimetic configuration of a globalized bourgeois capitalist culture of the *fin de siècle*.

O que no léxico da História Cultural ficou configurado como *belle époque* indica um complexo processo de relações culturais, sociais e mentais desenvolvidas no interior de um *corpus* reconhecido historicamente como o da cultura burguesa e da sua afirmação no interior dos quadros hegemônicos do capitalismo industrial no final do século XIX. Em nome da identidade de um tempo cujos sujeitos sociais emergiram das novas condições econômicas e sociais dominantes no mundo do capital, a *belle époque* implica reconhecer linguagens, gostos, atitudes, estéticas, sociabilidades que, produzidas nos centros hegemônicos da economia do capitalismo industrial, reproduziam-se, em escala planetária, também na

* Professor Associado I do Departamento de História da Universidade Federal do Pará.

condição das formas de ser e de agir em tempos que implicavam o triunfo do Progresso e a afirmação da Civilização.

Os valores, os códigos e os rituais da cultura da *belle époque*, na condição de teatro da civilização, espalharam-se, em maior ou menos escala, pelas sociedades contemporâneas. Paris, Lisboa, Buenos Aires, São Petersburgo, Viena, Belém e Manaus, cidades de topografias sociais e físicas distintas, integravam-se ao circuito mundial da cultura burguesa, na medida em que abrigavam elos da cadeia mundial do mercado. A cultura burguesa da *belle époque* transitava pelos mesmos canais da circulação das mercadorias, dos capitais e dos bens de produção, o que implicava bem definir o sentido da mundialização da economia capitalista e do capital simbólico da cultura burguesa.

A *belle époque*, entendida como manifestação da Idade de Ouro da cultura urbana da burguesia contemporânea, e cujos quadros tradicionais, como visto, remetem para a Paris do final do século XIX e começo do XX, sempre foi um domínio visitado pela narrativa social brasileira. As próprias transformações urbanas de cidades como Belém e Rio de Janeiro no mesmo período, foram tratadas como dimensões especulares da *belle époque* matricial nas latitudes sociais e mentais do trópico brasileiro. A leitura da crônica de um Olavo Bilac e de um João do Rio, para a Capital Federal, e a de um Humberto de Campos e de um Eustáquio de Azevedo, para Belém do Pará, revela, essa leitura, que seus autores acreditavam que os cenários essenciais da cultura e da sociabilidade urbana e burguesa de Paris haviam sido transpostos para as cidades brasileiras em causa.

O Rio de Janeiro, Belém ou Manaus, mas não o Brasil como um todo, *civilizam-se*, parodiando o jornalista Figueiredo Pimentel, um dos arautos da *belle époque* e da cultura dos *boulevards* do Rio de Janeiro, cuja coluna “O Binóculo”, publicada pelo jornal *Gazeta de Notícias*, transformara-se no leme da nau burguesa na Capital Federal no início do século XX. Esse aforismo pretensamente histórico atravessou décadas do pensamento social brasileiro, da mesma forma como alimentou a imaginação social do país acerca de um progresso e de uma civilização que se estabeleceram no país na condição de universais. O natural pendor dos nossos homens de letras e de nossos artistas teria conseguido produzir, em solo cultural tão diversificado, a ambiência social e mental de cidades como Paris, Viena, Lisboa, São Petersburgo, vitrines das conquistas do progresso e da civilização. Desde os anos finais do Império que a europeização e o branqueamento do Brasil, homologias do progresso e da civilização, assumiram, por força de uma identidade discursiva, a face visível e relevada da Nação Brasileira. Compreensível, portanto, que para as mentalidades das elites urbanas do Brasil, a *belle époque* coroasse o empenho histórico para a construção do país real, cujas

estruturas fundadoras encontravam-se no país imaginário. Da Natureza passávamos à Cultura, chegávamos à História.

Mais recentemente, nos domínios da História Social, da História Cultural e da Literatura, a *belle époque* brasileira, suas linguagens simbólicas e suas representações sociais têm sido objeto de uma nova leitura. Tanto em termos do Rio de Janeiro como de Belém e de Manaus, cenários referenciais do *civilizar-se* brasileiro na passagem do século XIX para o XX, a *belle époque* passa a domínios outros do pensamento social. Essa passagem, claro está, processa-se em vários domínios, na medida em que o universo visitado abriga campos formalmente diferenciados da sua orgânica, ainda que, de um modo ou de outro, digam respeito às formas e representações com que o capitalismo e a cultura burguesa mundializaram-se. No caso da Amazônia, revisitar a *belle époque* das grandes capitais regionais implica, em última análise, mergulhar em domínios da história regional por muito tempo encobertos pela própria fâcies do seu discurso fundador. Somente pelas vias de um outro discurso, o da problematização da genealogia narrativa da *belle époque* amazônica, será possível manter em aberto o passado recente da sociedade e da cultura amazônicas.

#

Numa das mais conhecidas passagens do *Manifesto Comunista de 1848*, Marx e Engels, a propósito do poder de subversão da economia capitalista, e de modo a realçar a dissolução das bases materiais e mentais da sociedade européia, diziam que, diante do avanço do modo de produção do capitalismo industrial e das novas relações sociais de produção, tudo que era sólido desmanchava no ar. A sólida definição da era do capital industrial, do capital financeiro, significava, também, diria Eric Hobsbawm, a construção de um era correlata, a era dos impérios. No léxico histórico, império implica o sentido de mundialização, tomando-se os exemplos clássicos do império macedônico e do império romano, mundializações do poder material e do poder cultural da Macedônia e de Roma no mundo antigo. Ainda na Idade Moderna, a expansão ultramarina ibérica produziu outra leva de mundialização do poder material do mercantilismo e do poder cultural das sociedades luso-hispânicas da Europa, processo de hegemonia, de mediação e de síntese desenvolvido na longa duração entre as culturas envolvidas na sua historicidade.

As artes, a literatura, a cena lírica, a indumentária e o gestual, a exaltação do bom-gosto, o ideal da cidade planejada, limpa e higiênica, o encobrimento da pobreza e da mendicância, a sociabilidade mundana, as aspirações estéticas e literárias presentes nas

agregações e associações lítero-musicais...Essa forma e esse modelo de um novo viver transformam-se no ideário da cultura do homem civil do final do século XIX. Sepultadas as revoluções e superadas as descontinuidades produzidas pelos processos revolucionários na Europa contemporânea, retomava-se à historicidade do tempo histórico, diacrônico, historicista, finalista e utópico. Todo esse grande cenário é, em síntese, o caleidoscópio dos signos e dos ritos que alimentaram o mito da *belle époque* como representação da Idade de Ouro do Progresso e da Civilização, um estado de construção do sujeito histórico que se realizaria universalmente graças às conquistas da ciência, à força dos maquinismos e aos processos civilizacionais mundializados.

E na Amazônia, existiu uma *belle époque*? A resposta a essa pergunta implica um feixe de problemas conceituais e empíricos com que se defrontam os historiadores brasileiros em geral e os amazônidas em particular. Afinal, a mesma questão aplicar-se-ia ao Rio de Janeiro do começo do século XX, quando, já foi anteriormente referido, a cidade, a Capital Federal, aos olhos da sua burguesia, do poder público e dos seus homens de letras, enfim, *civilizara-se*. A questão, em si mesma, é uma daquelas arguições cujas respostas buscadas poucas vezes avançam no sentido de iluminar um dado recorte da história recente da Amazônia. Se, por questão de aceitação de um léxico aplicado à leitura das realidades culturais, sociais e materiais pelas quais a Amazônia da borracha passou, e forçando-se uma correlação com os cenários da Europa do capitalismo industrial, da cultura e da sociabilidade burgueses do final do século XIX e inícios do XX, admite-se, por transposição e adequação terminológica, que a Amazônia de então viveu a *sua*, repita-se, a *sua belle époque*.

Se, no entanto, por *belle époque* for considerado apenas os quadros históricos da Belém *fin de siècle*, com as formas de suas sociabilidade urbana e com os ritmos de seu consumismo, perde-se de vista o complexo de transformações que a Amazônia começou a sofrer finda a primeira metade do século XIX. Bens de consumo e bens culturais de Paris já estavam presentes no cotidiano de Belém; a navegação a vapor pelo Amazonas, iniciada em torno de Mauá e sua Companhia de Navegação e Comércio do Amazonas (1852), interiorizou essa nova etapa do cotidiano econômico e social no Pará. Viajantes e cronistas estrangeiros por aqui passados a essa altura admiravam-se com a presença em Belém e em Santarém de bens, valores e costumes da cultura francesa do II Império.

A percepção dos extremos desse arco é que permite, em última análise, que o observador não caia nas muitas armadilhas instaladas pelo reducionismo histórico e sociológico, principalmente no tocante à idéia de que a *belle époque* amazônica manifestava tão-somente um mimetismo imediato e imediatista. Seria como se, de um momento para

outro, segmentos da sociedade de Belém, de Santarém e de Manaus descobrissem nas lojas de suas cidades um conjunto de produtos diferentes, estranhos, e que os passassem a usar porque vieram de um lugar misterioso, desconhecido e exótico chamado Paris...E que os cafés e os teatros parecessem fantasmagorias surgidas do encantamento da floresta...

O sentido de pertencimento a um tempo entificado e mítico, transformando o sujeito singular em cidadão do mundo, em homem da modernidade, sintonizou e enquadrou os nossos intelectuais, os nossos homens de letras no interior do painel maior da cultura da Europa *fin de siècle*. Um Olavo Bilac, um João do Rio, um Figueiredo Pimentel, no Rio de Janeiro, um Augusto Montenegro, um Justo Chermont, um Eustáquio de Azevedo, em Belém do Pará, sentiam-se como sujeitos de uma cultura e como construtores culturais matricialmente fora do lugar, mas legitimada pelos gens sociais da sua orgânica originária. Era preciso, pois, criar condições para que os compostos dos processos civilizacionais europeus pudessem florescer em latitudes culturais outras. Veja-se, por exemplo, que o argumento político legitimador de um teatro lírico no Pará e no Rio de Janeiro, mesmo com décadas de diferença nas manifestação favoráveis a um e a o outro, foi o mesmo: a música e a cena lírica andavam a par com a civilização...Argüir a lógica do discurso dos intelectuais da *belle époque* paraense e conhecer a constituição e a funcionalidade das práticas institucionais por eles desenvolvidas ou das quais foram partícipes, significará também conhecer a identidade e a visão de mundo do sujeito da Civilização e do Progresso criado pela mundialização da cultura, e tribuno do grande e planetário discurso da modernidade burguesa.

Lançar o olhar sobre a *belle époque* em Belém é retomar antigos percursos da memória histórica, da memória coletiva e do próprio discurso da história. Diferenças substanciais assinalam as formas e os lugares dessas narrativas, ainda que, como será depois argüido, um mesmo veio, um mesmo fio pareça conduzir o corpo dos muitos discursos construídos sobre a Belém que viveu o *boom* da borracha amazônica e conheceu representações da cultura urbana e da sociabilidade deflagradas pela mundialização dos padrões e dos ritos culturais da burguesia européia *fin de siècle*. O impacto das mudanças processadas no cotidiano urbano da Belém que passava do século XIX para o XX foi poderoso o bastante para gerar a necessidade de narra-lo. E essa narrativa, observe-se, deu-se também na forma da imagem, nas fotografias e nos cartões postais que procuravam capturar e congelar as visões radiante da Idade de Ouro da Civilização e do Progresso.

Da *débâcle* da economia da borracha, nos anos de 1910, aos dias de hoje, a Belém da *belle époque* conheceu visitas esporádicas da pesquisa histórica, no mais das vezes nos domínios da história econômica e não nos campos da história cultural. Nesses casos, o olhar

do historiador estava mais claramente voltado para a cadeia produtiva do *látex* e para os mecanismos de financiamento, comercialização e circulação do produto. A cidade modelar da civilização tropical era, em essência, a praça comercial, seus bancos, suas casas importadoras e exportadoras, seus estabelecimentos de crédito, seu variado comércio e sua capacidade de alimentar os tentáculos que levavam o comércio ao seringal e traziam o seringal ao empório urbano da capital. De qualquer modo, as leituras econômicas da Belém e da Amazônia da borracha marcavam um avanço narrativo significativo comparativamente às crônicas meramente mnemônicas e saudosistas que, por vezes, pontuavam uma ou outra publicação do gênero.

#

Parece evidente que muitos podem ser os percursos em direção às mentalidades da Belém da *belle époque*. Alguns desses percursos já foram apontados em itens anteriores, e dizem respeito aos muitos retratos, aos vários exteriores da capital paraense nos anos de ouro da economia do *látex*. Foi referido, entretanto, que muitos homens de letras da Belém da borracha viveram a condição de intelectuais do tempo do Progresso e da Civilização, cujos discursos mais claros estavam nos equipamentos da vida moderna, das comunicações, da eletricidade, da higiene e do saneamento urbanos, da navegação a vapor. Para tanto, esses homens de letras, *au delà de la vie de bohème*, fundaram e mantiveram associações culturais e produziram um dado tipo de narrativa que pretendiam fosse reflexiva das matrizes intelectuais da Europa, leia-se, da Paris cujos espectros a borracha parecia haver deslocado como fantasmagorias tropicais.

Explicando melhor, a Belém que caminhava para o final do século XIX conheceu e conviveu com um mosaico de associações culturais, lítero-musicais, sociedades literárias, sociedades musicais, agremiações culturais de profissionais do comércio, e mais um bom número de jornais e de revistas nascidos como veículos dessa ação dos escritores locais, alguns dos quais no interior dessas agremiações. A maior parte desses pequenos grêmios de homens de letras e suas respectivas publicações, teve vida rápida e fugaz, mas nem por isso deixam de ser importantes como espelhos a refletir a relação entre exterior e interior da Belém da *belle époque*, entre a cidade moderna e a rede de micro-organismo da sua sociabilidade urbana e intelectual. Dentre as muitas agremiações intelectuais atuantes na Belém que vencia o Oitocentos e chegava aos anos iniciais do século XX, estavam as seguintes: Oficina Literária, Club Coelho Neto, Apostolado Cruz e Souza, Grêmio Estudantino Paraense,

Grêmio Literário Fagundes Varela, Escola Literária Antônio Lemos e Oficina das Letras, Cenáculo dos Novos e Sociedade dos Homens de Letras do Pará.

Alguns indicadores podem lançar luz sobre a vida intelectual incluindo, é claro, a sua dimensão científica da Belém que atravessou a segunda metade do século XIX. Na medida em que a cultura é um dos níveis, o simbólico, das relações concretas das sociedades entre si, fica evidente o atrelamento do homem de letras do tempo às matrizes do pensamento europeu e às leituras que produziu acerca do sentido de Progresso e de Civilização. Afinal, observou-se em passagem anterior, a *Belle Époque* encarnou e representou o otimismo burguês diante da inevitabilidade do progredir e do civilizar que o tempo das conquistas técnicas e das realizações materiais do capitalismo exaltava. Da organização da *Sociedade Filomática Paraense* (1866) à constituição da *Mina Literária* (1895), passando pela instituição do *Museu Etnográfico e de História Natural* (1871), depois *Museu Paraense Emílio Goeldi*, ciência e literatura eram pensadas como atributos e virtudes do sujeito social de um tempo em que Progresso e Civilização eram imperativos categóricos da História.

As dinâmicas que levaram à constituição, a 1º de janeiro de 1895, da associação cultural *Mina Literária*, revelam que a constituição de uma corporação de homens de letras era estratégica à definição de um campo intelectual socialmente representativo, reconhecido e legitimado na Belém cosmopolita e mundana do final do Oitocentos. Uma das principais figuras desse movimento, J. Eustáquio de Azevedo, bem define a figura do intelectual, mas, sobretudo, do polígrafo, do escritor de muitas narrativas que dominou os cenários letrados do Brasil urbano do final do século XIX, em particular do Rio de Janeiro nos anos da *Belle Époque* carioca. Artigos, crônicas, conferências, poesia, novelas, e mais traduções de escritores ingleses e franceses, saíam da pena de Jacques Rolla, pseudônimo muito tempo usado por Eustáquio de Azevedo.

Bem mais do que uma sociedade de *dilettanti*, a *Mina Literária* procurou manter uma atividade editorial básica, expressivamente significativa considerando-se as dificuldades editoriais num mercado fora do eixo livreiro de Rio de Janeiro e São Paulo. Afinal, o livro era um produto, um bem de mercado, regida a sua existência pelas leis da compra e venda. Dos títulos dados à estampa sob a chancela da *Mina Literária*, alguns indicam a presença, o consumo e a redefinição textual do naturalismo de Zola em meio aos intelectuais de Belém, como o fez, aliás, o próprio Eustáquio de Azevedo. Outros títulos publicados revelam o gosto eclético da época, marcado pela crônica, pelo texto, pela poesia de circunstância, formas, em última análise, das fantasmagorias estéticas que a *Belle Époque* produziu para o *divertissement* nos salões da cultura mundana do tempo.

BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, J. Eustáquio de. *Literatura Paraense*; síntese histórica do seu movimento. Belém: A Semana, s/d.
- BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- CHAVES, Ernani. *No limiar do moderno*; estudos sobre Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin. Belém: Paka-Tatu, 2003.
- CAMPOS, Humberto de. *Carvalhos e roseiras*. 2.ed. São Paulo: José Olympio, 1934.
- COELHO, Geraldo Mártires. *O brilho da supernova*; a morte bela de Carlos Gomes. Rio de Janeiro: Agir, Belém: UFP^a, 1995.
- _____. *No coração do povo*; o monumento à República em Belém (1891-1897). Belém: Paka-Tatu, 2003.
- CUNHA, Euclides. *Um paraíso perdido*; ensaios amazônicos. Brasília: Senado Federal, 2000.
- DAOU, Ana Maria. *A belle époque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto*. Manaus – 1890-1920. Manaus: Valer, 1999.
- LANGLE, Henry-Melchior de. *Le petit monde dès cafés et débits parisiens*. Paris: PUF, 1990.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical*; sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- OEHLER, Dolf. *Quadros parisienses*; estética antiburguesa 1830-1848. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- _____. *Mundialização e cultura*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- RACINE, Nicole & TREBITSCH, Michel (Dir.) *Sociabilites intellectuelles*; lieux, milieux, réseau. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique (20), 1992.
- REGO, Clóvis Moraes. *A Mina Literária Nortista de Eustáquio de Azevedo e n' “ O Pará Literário de Theodoro Rodrigues”*. Belém: Editora da UFP^a, 1997.
- ROCQUE, Carlos. *Antônio Lemos e suas época*; história política do Pará. 2.ed. Belém,: Cejup, 1996.
- SANTOS, Roberto. *História econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.
- TOCANTINS, Leandro. *Santa Maria de Belém do Grão-Pará*. Rio de Janeiro: Civilização, 1963.

SALLES, Vicente. *A música e o tempo no Grão-Pará*. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1980.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão; tensões sócias e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

WEINSTEIN, Bárbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)*. São Paulo: Hucitec-Edusp, 1993.